

IN MEMORIAM

Dr^a CELSA AFONSO DE CARVALHO

Conheci a Dr^a Celsa desde a minha meninice, dado que ela e o meu pai (e outras pessoas, como a Professora Maria de Lourdes Levy) eram arautos da Pediatria Social, uma vertente da Pediatria desenvolvida pelo Professor Robert Debré e institucionalizada no Congresso Internacional de Pediatria que teve lugar em Lisboa, precisamente há 60 anos. Tinha eu seis.

De quando em quando reuníamo-nos, no seu gabinete da DGS, então Direção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários (DGCSP) para lhe pedir apoio para esta ou aquelas jornadas relacionadas com esta área da Pediatria.

Em 1988 abriu um concurso para assistente-hospitalar na DGCSP. Concorri e fiquei. Logo nos dois dias das avaliações, vi que a Dr^a Celsa «tinha feitio» – os candidatos eram esmiuçados e, caso dissessem ou não soubessem algo que considerava «inacreditável», usava da sua máxima ironia para os «encostar à parede». Quando soube que tinha sido admitido fiquei contente, mas algo intranquilo: valeu-me, para curar a ansiedade, o Professor Torrado da Silva, que era consultor da Divisão de Saúde Infantil (e depois o Professor José Luís Castanheira, meu enorme amigo), de que a Dr^a Celsa era chefe, e que me disse, basicamente, que aqueles repentes eram apenas uma pequena face de uma grande moeda: a competência, o rigor, a ética, o espírito científico e, principalmente, o objetivo de sempre lutar pelo bem-estar e pelos direitos das crianças e adolescentes. E assim foi.

Desde o Instituto Maternal dos anos 60 do século XX até se reformar, a Dr^a Celsa foi, talvez, a pessoa que mais revolucionou a Saúde Infantil e Juvenil. Da vacinação aos rastreios, da humanização dos hospitais às consultas de vigilância da saúde, da elaboração de normas, orientações técnicas ou regulamentos de boas práticas pediátricas ao gizar leis e portarias, aconselhar o poder político e o Ministério, o «dedo» da Dr^a Celsa é um «dedo» fundador e estruturante. As crianças portuguesas, algumas hoje adultas com filhos e até com netos, podem agradecer-lhe – obviamente que a ela e a muitos outros –, mas também e sobretudo a ela.

Perseverante, até teimosa, doce e irascível ao mesmo tempo, imprevisível, era uma mulher sabedora, exigente, rigorosa e muito culta – melómana,

amante de literatura, conhecedora de mitologia grega, de pintura, escultura, arte em geral, nunca quis, contudo, colocar-se em bicos dos pés com entrevistas ou aparecimentos mediáticos.

Percorremos todo o país, em «n» «voltas a Portugal», reunindo com os então coordenadores distritais de Saúde Infantil e com os médicos e enfermeiros «do terreno», fomos durante anos e anos à Madeira fazer cursos anuais de Pediatria, e em todas essas andanças tive a oportunidade de a conhecer, para lá da pediatra e chefe de divisão: a Mulher firme, culta, feminista, sensível a qualquer injustiça, com curioso e rebuscado sentido de humor, mas também com fragilidades que, no fundo, a tornavam profundamente humana, gerasse ela amizades ou ódios.

Decidida como era, «resolveu» partir no dia 1 de outubro de 2022, no dia dos seus anos. 90 anos. Quando estava com a família e tinha à sua frente o bolo de aniversário. Era assim. O destino não tomava conta dela: ela é que decidia o seu destino. Assim partiu. Assim deixa excelentes memórias e saudades, e muito, mas mesmo muito, trabalho feito em prol unicamente das crianças portuguesas. Os mais novos nunca devem ter ouvido falar dela, mas creio que ela não se importará, porque o seu objetivo nunca foi exaltar a sua pessoa, mas apenas servir a população infantil e juvenil.

Fui um privilegiado em ter trabalhado com ela. Bem Haja, Dr^a Celsa.

Mário Cordeiro